

Apresentação

Múltiplas Reflexões Sobre a Dimensão de Gênero: articulações com os temas de saúde, trabalho e outras possibilidades

A presente edição do Caderno Espaço Feminino apresenta uma Seção Temática composta por artigos que propõem reflexões acerca das relações de gênero em articulações com as temáticas da saúde e do trabalho. O primeiro artigo apresentado, na Seção “Gênero, Saúde e Trabalho”, Corpo e Modernidade na abordagem de Anthony Giddens: uma reflexão à luz do discurso pela humanização do parto, de autoria de Lília Gonçalves Magalhães Tavolaro (Departamento de Ciências Sociais/UFU) e Sergio Barreira de Faria Tavolaro (Departamento de Sociologia/UnB), é um exercício de reflexão crítica sobre a produção giddesiana acerca da problemática do corpo na modernidade. Este importante sociólogo britânico apresenta uma concepção da dimensão da corporalidade para além da percepção fisiológica. Neste sentido, percebe o corpo como uma das sustentações do “projeto reflexivo do Eu”. A questão central que os autores apresentam no texto atenta para o discurso e o conjunto de práticas em torno da humanização do parto. Tal prática é assim denominada pelo fato de compreender o nascimento como processo fisiológico que assegura o protagonismo da mulher como detentora do pleno controle de seu corpo no processo de realização do seu parto. Tal procedimento envolve uma concepção específica da relação dos indivíduos – as mulheres e os profissionais na área da saúde (médica/os e enfermeira/os) – com o corpo. Os autores se lançam no empenho em refletir sobre em que medida discurso e práticas em torno do parto humanizado ecoam e/ou desafiam as proposições teóricas-interpretativas de Anthony Giddens, acerca do corpo na denominada “alta modernidade”.

No artigo seguinte, intitulado Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros, Audrey Vidal Pereira (Escola de Enfermagem Aurora de Afonso

Costa/UFF) tece considerações sobre as imagens de enfermeiros e enfermeiras caracterizadas ao longo da história a partir de símbolos e rituais que permanecem influenciando as relações de gênero. Na concepção do autor tais profissionais, no percurso da construção de sua própria história, veem contribuindo para a desconstrução do estereótipo de sua própria imagem ao passo que seguem reconstruindo relações de gênero mais igualitárias no contexto do cotidiano do trabalho prestado nos serviços de saúde. O autor denuncia o uso deturpado das imagens dos profissionais de enfermagem pela mídia, o que acaba por reafirmar representações contraditórias da profissão para o senso comum. Dessa maneira, aponta que “ao longo de desencontros, diálogos tensos e percepções diferenciadas entre os próprios pares profissionais, o empenho reflexivo toma proporção significativa na medida em que são encontrados ecos possíveis de serem compartilhados na produção científica”. A abordagem do autor acerca da investigação proposta parte da conexão da questão da imagem profissional à dimensão de gênero. Dessa maneira, desenvolve sua argumentação aludindo tanto à enfermeira quanto ao enfermeiro, visto que historicamente em tal ocupação se consolidaram distâncias entre os gêneros femininos e masculinos.

Partindo de uma pesquisa empírica, Rafaela Cyrino (PUC Minas) propõe discutir, por meio da experiência das mulheres executivas, o que aponta como um duplo aspecto presente no essencialismo de gênero. Neste sentido, no texto *Essencialismo de gênero e identidade sexual: o caso das mulheres executivas*, a autora analisa “aspectos do essencialismo de gênero que contribuem para que homens e mulheres permaneçam segregados, tanto no mercado de trabalho quanto no espaço doméstico”. Ainda que a autora busque apontar que o essencialismo de gênero possa ser observado tanto no mercado de trabalho quanto no espaço doméstico, irá discutir, tendo como base uma pesquisa empírica, de que maneira determinadas desigualdades “se justificam e se apóiam em aspectos ligados à identidade sexual dos indivíduos”. Sua pesquisa revela que, no caso das mulheres executivas, as situações de desigualdade na distribuição do trabalho doméstico, no qual estas irão assumir o gerenciamen-

to do domicílio e o cuidado com os filhos, podem ter o significado de uma “busca social enquanto mulheres”. Desse modo, Rafaela Cyrino faz um importante questionamento: até que ponto se pode avançar em direção a uma maior igualdade doméstica entre homens e mulheres sem se questionarem os pressupostos acerca do que significa ser homem e ser mulher?

O artigo Enfoques de gênero no contexto indígena Xerente: algumas constatações visa abordar questões referentes às mulheres indígenas Xerente, no Estado de Tocantins, com o intuito de analisar as desigualdades de gênero no que diz respeito ao acesso à educação formal, ao mercado de trabalho e à participação política. A autora, Maria Santana F. dos Santos Milhomem (UFT - Arraias), valendo-se de uma pesquisa exploratória, irá apontar que o avançar do processo de modernização resulta na alteração do ritmo da vida social e cultural da referida comunidade indígena. Consequentemente, as mulheres Xerente têm clamado por uma série de direitos que lhes assegurem sua condição de sujeito, seja dentro de um sistema econômico excludente, bem como no interior uma comunidade caracterizada por uma tradição machista e paternalista.

O artigo Mitohermenêutica de professoras na interculturalidade Brasil-Perú, escrito por Janina Mirtha Sanchez (Faculdade de Educação/USP), apresenta uma reflexão sobre a simbologia do feminino na antropologia da educação contemporânea, pelo viés de análise mitohermenêutica do discurso de professoras peruanas e brasileiras. Neste sentido, a partir do desenvolvimento de pesquisa sobre mulheres-professoras, a autora vem contribuir, teórica e empiricamente, com o debate acerca das condições existentes na educação nos dois países em questão, valendo-se das histórias de vida destas profissionais observando, “como são vividos os arquétipos”, estudando, em suas palavras, “a relação mulher/animus/feminino com o passado mantido sob o manto do patriarcado e como se articulam agora com a dinâmica dos instintos a partir das escolhas feitas, a realidade cotidiana e as perspectivas de futuro”.

Na seção de artigos livres, do presente volume, Edmar Henrique Dairell Davi (FFCLRP/USP) contribui com o artigo intitulado Resistências e recusas:

a cultura LGBT contrapondo-se a homofobia em Uberlândia, no qual apresenta a cultura LGBT de Uberlândia e suas estratégias de resistências e luta contra a violência e a homofobia. O autor discute como o riso, os eventos e as revistas criadas pelo meio LGBT constituem fatores de contraposição ao preconceito e à discriminação.

O artigo *Estratégias discursivas e identidades de gênero: a construção da “dona de casa moderna” na revista Casa & Jardim dos anos 1960*, de autoria de Marinês Ribeiro dos Santos (UTFPR) e Joana Maria Pedro (UFSC), busca analisar as estratégias discursivas utilizadas na configuração de identidades de gênero em representações veiculadas na mídia impressa brasileira, tendo como foco os anúncios publicitários veiculados na revista *Casa & Jardim*, na década de 1960. As autoras partem do pressuposto de que as representações de feminilidades em tal publicação “podiam servir como alternativas de identificação para o público leitor, implicando em pontos de apego disponíveis na constituição de identidades de gênero”. Como elementos ilustrativos, Santos e Pedro recorrem a quatro anúncios publicitários publicados no periódico, visando ressaltar a dimensão axiológica envolvida na construção da figura da “dona de casa moderna”. Segundo irão argumentar, tais anúncios engendram estratégias discursivas de intertextualidade entre imagens tradicionais e representações do moderno, reforçando estereótipos de gênero, raça/etnia e classe.

Em *Um Teto Todo Seu: aspectos do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina*, o autor, Clovis Carvalho Britto (UnB), recorre à análise da trajetória poético-intelectual de Cora Coralina, valendo-se de fontes diversas, com o objetivo de captar a gênese criativa da importante publicação da autora goiana, editada em 1965, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Neste sentido, Britto destaca como seu objetivo de estudo desconstruir o que denomina “uma série de mitos que até hoje obscurecem a autora e sua obra”. Cora Coralina é, segundo o autor, um exemplo vivo do que Virginia Woolf relatara na obra *Um teto todo seu*: se, para Woolf, “a mulher só adquiriria a independência necessária a partir do momento que conquistasse a autonomia financeira e possuísse um teto todo seu, um espaço privativo para sua escrita”,

no caso de Cora Coralina, sua trajetória como escritora é reveladora de tal condição, já que vive, até os 67 anos de idade, uma vida voltada para o marido e os filhos, privando-se muitas vezes a sua trajetória literária em benefício da condição de mãe e esposa. Ao romper as amarras, os laços familiares, e regressar para Goiás, sua cidade natal, retorna com o objetivo de construir seu projeto literário, de realizar o grande sonho de sua vida: escrever e publicar um livro.

Outro artigo tem como foco uma mulher e escritora. Vanuza Souza e Silva (UFPE/UEPB), em texto intitulado *Entre o olhar de Medusa e o vôo de Perseu: experiência-limite da autoria de S. Beauvoir* desenvolve uma discussão sobre a construção da autoria de Simone de Beauvoir e o impacto de seu trabalho no Brasil, ao mesmo tempo em que busca demonstrar a experiência-limite de quem se faz autor e da linguagem que significa toda autoria. Dentre o questionamento central apresentado neste artigo cabe ressaltar que a Silva irá apontar que “a invenção da autoria de Simone de Beauvoir, no Brasil, limita então a revolução que sua escrita criou, petrifica leitores e gerações a buscar apenas as essências feministas na máquina escriturária da autora”. Assim sendo, irá apontar como seu objetivo “despetrificar o olhar de medusa, escolher as sandálias aladas de Perseu e assegurar-se em outros vôos”, propondo refletir “mais os vazios da obra de Beauvoir e seu impacto nas escritoras brasileiras”, pensando, também, “o vazio que cria toda obra e dispersão que fabrica a subjetividade –autor”.

Na seção notas, as autoras Eliane Schmaltz Ferreira (UFU) e Dulcina Tereza Bonati Borges (FCU), atuantes no NEGUEM, contribuem com o artigo *Caderno Espaço Feminino: desafios enfrentados e espaços ampliados*, no qual fazem um balanço da revista *Caderno Espaço Feminino* enquanto uma publicação que se consolidou a partir do status de revista acadêmica nacional, por meio da qualificação do periódico pela CAPES. As autoras verificam a variedade e qualidade de suas publicações, que seguem obtendo um notável alcance local, regional, nacional e internacional. Apesar das adversidades como a falta de recursos financeiros e demais outros desafios, que sistematicamente segue enfrentando, a revista

Caderno Espaço Feminino prossegue sua trajetória respaldada pelo empenho do seu Comitê Editorial e do Núcleo de Estudos de Gênero – NEGUEM da Universidade Federal de Uberlândia que, como destacam as autoras, “apesar das dificuldades, contradições e limitações participa intensamente na constituição de um campo de estudos de gênero no Brasil”.

Encerrando esta edição, duas resenhas são também apresentadas: a primeira, sobre o livro *Weibliches Schreiben in regionalen Strukturen: saarländische Lyrikerinnen der Gegenwart* (Escrita feminina em estruturas regionais: poetisas líricas sarrenses da atualidade), um estudo sociológico de Katja Leonhardt, analisado por João Cláudio Arendt. Tal estudo foi construído a partir de uma série de entrevistas realizadas com 64 poetisas líricas alemãs e com editores do estado de Sarre (Saarland), situado na fronteira com Luxemburgo e França. A autora da resenha observa que “o tipo de pesquisa desenvolvido por Leonhardt traz em seu bojo a possibilidade de ampliação e redirecionamento dos estudos de gênero também no Brasil, de forma a se remodelar a paisagem literária nacional, tomando como ponto de partida a escrita feminina em estruturas regionais”.

A segunda resenha, escrita por Márcio Ferreira de Souza (UFU), é sobre a edição brasileira do Dicionário Crítico do Feminismo, publicado originalmente na França em 2000 e organizado por Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré e Danièle Senotier. A edição desta publicação no Brasil, composta por 48 verbetes, revela o resultado de um trabalho minucioso, de grande contribuição analítica para os estudos feministas e de gênero, que não se limita a uma mera listagem de apresentação dos termos e de seus significados em um sentido unívoco, mas os apresenta a partir de seus significados amplos e polêmicos.

Agradeço, por fim, a todas as pessoas que colaboraram para que esta edição tenha vindo a lume. Às autoras e autores que contribuíram generosamente com a submissão dos artigos que foram aqui publicados, aos pareceristas que se empenharam na análise dos textos e sugestões para publicações, a toda equipe do Núcleo de Estudos de Gênero (NEGUEM), vinculado ao Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS- UFU). Agradeço especialmente à editora

Vera Puga, pela confiança que em mim foi depositada como organizador deste volume e à contribuição do estagiário Vilmar Júnior, pelo empenho técnico. Um agradecimento muito especial deve ser também dirigido à artista plástica Marília Kranz, autora do trabalho que ilustra a capa do presente volume, que com muita generosidade nos honrou com o direito de uso de imagem de sua criação.

Espero que os artigos aqui apresentados possam contribuir para iluminar o debate acerca da dimensão de gênero e que tais contribuições se estendam para a possibilidade de transformações do universo social no que diz respeito às desigualdades de gênero.

Márcio Ferreira de Souza

Instituto de Ciências Sociais – Universidade
Federal de Uberlândia